

ESTRATÉGIAS PATÊMICAS NOS DISCURSOS DIVISIVOS: INTERFACES ENTRE A NEUROCIÊNCIA E A SEMIOLINGUÍSTICA

*PATHEMIC STRATEGIES IN DIVISIVE SPEECHES: INTERFACES BETWEEN A
NEUROSCIENCE AND A SEMIOLINGUISTIC*

*ESTRATEGIAS PATÊMICAS EN LOS DISCURSOS DIVISIVOS: INTERFACES
ENTRE LA NEUROCIENCIA Y LA SEMIOLINGUÍSTICA*

Fernando Simões Antunes Junior¹

Ernani Cesar de Freitas²

Resumo: este artigo explora alguns pressupostos da semiolinguística de Charaudeau (2009; 2010; 2011; 2016), de forma a colocá-los em interface com conhecimentos acerca das emoções (DAMÁSIO, 2000; EKMAN, 2011; MAURANA, 2009) e do dialogismo sistêmico (BATESON, 1987; WATZLAWICK et al., 2007). O objetivo é identificar e analisar as correspondências entre as visadas patêmicas do discurso e os acionamentos emocionais que constituem a pragmática da comunicação humana. Acredita-se que tais interfaces possam lançar um olhar sistêmico sobre o fenômeno dos discursos divisivos (BENESCH, 2012). O corpus de análise é constituído por uma postagem do MBL publicada no Facebook sobre o assassinato da vereadora carioca Marielle Franco. A pesquisa é descritiva, bibliográfica, com abordagem qualitativa. Como resultado, tem-se que as estratégias discursivas categorizadas por Charaudeau (2010) encontram correlatos entre as funções homeostáticas das emoções de Damásio (2000), lançando novas compreensões sobre a eficácia e o efeito viral dos discursos divisivos.

Palavras-chave: Comunicação. Emoções. Discursos divisivos.

¹ Federação de Estabelecimento de Ensino Superior em Novo Hamburgo - Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil.

² Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, Brasil.



Abstract: this article explores some assumptions of the semiolinguistic of Charaudeau (2009, 2010, 2011, 2016), in order to put them in interface with knowledge about the emotions, (Damásio, 2000; Ekman, 2011; Maturana, 2009) and the systemic dialogism (Bateson, 1987; Watzlawick and others, 2007). The objective is to identify and analyze the correspondences between the pathemic discursive visas and the emotional drives that constitute the pragmatics of human communication. It was believed that such interfaces can throw a systemic view of the phenomenon of divisive discourses (Benesch, 2012). The corpus of analysis consists of an MBL post published on Facebook about the murder of Rio de Janeiro city councilor Marielle Franco. The research is descriptive, bibliographical, with a qualitative approach. As a result, the discursive strategies categorized by Charaudeau find correlates between the homeostatic functions of Damásio (2000) emotions, launching new insights on the efficacy and viral effect of divisive discourses.

Keywords: Communication. Emotions. Divisive Discourses.

Resumen: este artículo explora algunos supuestos de la semiolingüística de Charaudeau (2009, 2010, 2011, 2016), para colocarlos en interfaz con conocimientos acerca de las emociones (Damasio, 2000, Ekman, 2011; Maturana, 2009) y del dialogismo sistémico (Bateson, 1987; Watzlawick y otros, 2007). El objetivo es identificar y analizar las correspondencias entre las visadas patémicas del discurso en interposición con los accionamientos emocionales que constituyen la pragmática de la comunicación humana. Se cree que tales interfaces pueden lanzar una mirada sistémica sobre el fenómeno de los discursos divisivos (Benesch, 2012). El corpus de análisis está constituido por una entrada del MBL publicada en Facebook sobre el asesinato de la concejal carioca Marielle Franco. La investigación es descriptiva, bibliográfica, con abordaje cualitativo. Como resultado, se tiene que las estrategias discursivas categorizadas por Charaudeau (2010) encuentran correlatos entre las funciones homeostáticas de las emociones de Damasio (2000), lanzando nuevas comprensiones sobre la eficacia y el efecto viral de los discursos divisivos.

Palabras clave: Comunicación. Emociones. Discurso Divisivo.

Introdução

A temática das emoções vem ganhando espaço em diversas áreas do conhecimento desde que a neurociência demonstrou que o complexo razão-emoção é indivisível na formação do pensamento. O fenômeno crescente do extremismo político-ideológico em escala global tem um fundo emocional que subverte a racionalidade, colocando as ideias e a lógica a serviço das paixões. Nas dinâmicas políticas e sociais em rede, esse fenômeno é alimentado por discursos divisivos

(BENESCH, 2012) que brotam em uma relação dialógica nas redes sociais, onde grupos de poder tentam influenciar a mente humana para ganhar aderência às suas regras, normas sociais e morais (CASTELLS, 2013).

Ao mesmo tempo em que suprem as necessidades de alteridade, tais movimentos sociais em rede orquestram ações e engajamentos quase instantaneamente, onde a convicção das ideias viraliza em forma de boatos, sermões e *posts* panfletários sem dar qualquer chance ao contraditório (CASTELLS, 2013). Tal fenômeno potencializou aquilo que os linguistas da Escola de Palo Alto (WATZLAWICK *et al.*, 2007) chamam de patologias discursivas, desordens do discurso que poluem o entendimento e, em diferentes níveis de intensidade, adoecem as relações humanas.

A passionalidade presente na interdiscursividade que permeia tais cenas enunciativas posicionou as emoções no centro do debate entre linguistas e neurocientistas. A escalada de discursos divisivos, polarizantes, que acirram tanto relações diplomáticas de grande escala quanto relações virtuais, e incendeiam a disputa pelo lugar de verdade no imaginário coletivo, jogou o Brasil e o mundo na era das *fake news*. Uma arena discursiva cujas regras do jogo pouco se relacionam com fatos, onde o mais importante é persuadir do que ser coerente.

Atentos a esse fenômeno, líderes políticos, empresários e grupos ideológicos colocaram a seu serviço o que os chineses chamam de *water army* (CHEN *et al.*, 2011), pessoas contratadas como *ghost writers* virtuais, cuja função é *floodar* as discussões em favor de determinadas ideias. O sucesso dessas estratégias nos leva a questionar quais os elementos que contribuem para a aceitação e mobilização dos atores em torno das significações e ressignificações propostas.

Nos Estados Unidos, alguns pesquisadores do *World Policy Institute* se debruçam sobre aquilo que chamam de *dangerous speech* (BENESCH, 2012), discursos massificados que antecedem grandes conflitos armados, que têm o objetivo de dimensionar a periculosidade de um ato discursivo no tempo e no lugar em que foi feito ou disseminado, por meio de uma análise de discurso que contemple cinco variáveis: o falante, a audiência, o ato de fala em si, o contexto histórico e social e o modo de difusão.

Com base no pressuposto de que toda mobilização social é emocional em sua raiz, cujos motores são o medo e o entusiasmo (CASTELLS, 2013), surge o questionamento sobre os mecanismos de eliciação e disseminação dessas emoções na arena das redes sociais.

Explorar o viés emocional do *dangerous speech*, portanto, torna-se uma das premissas deste artigo. Parte-se da hipótese de que tais atos de fala seguem uma estratégia específica de construção, com viés polarizante, cujo resultado é

a criminalização de direitos fundamentais eliciada por uma retórica que fala mais às emoções do que à razão. Discursos que se animam na controvérsia, em prosas coléricas e dicotômicas, resultando daí significados polarizados e de caráter divisivo, que encontram vazão quase instantânea nas redes sociais e ganham aderência de crençários ancorados em sentimentos de repulsa e afetividade.

Para fazer tal análise, utilizaremos alguns pressupostos que embasam a teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau (2003; 2016), mais especificamente no que se refere às visadas discursivas, com atenção especial ao que denomina de visada patêmica. Tais pressupostos serão colocados em interface com os conhecimentos da neurociência, que corroboram a importância das emoções na regulação homeostática do ser, bem como o seu consequente impacto no falar e no agir, com os efeitos de indução e persuasão nas dinâmicas discursivas e nos processos de significação e ressignificação.

Este movimento teórico metodológico interdisciplinar pretende lançar novos olhares sobre os usos e os efeitos das emoções nos atos discursivos, o que nos leva a revisitar conceitos da neurociência sobre o papel das emoções no ser e no agir humano, que é o que faremos no capítulo a seguir.

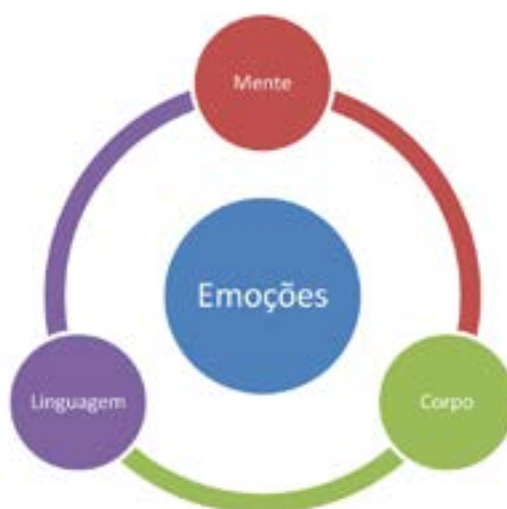
O papel das emoções

Antônio Damásio (2000) descreve as emoções como mecanismos inatos cuja função é colocar o organismo dotado de tal recurso em estados específicos de ação. Sob o domínio de uma emoção, há coisas que somos capazes de fazer e outras que praticamente se tornam impossíveis diante das ativações químicas e orgânicas resultantes do processo de se emocionar. Essa condição fez das emoções objeto de estudos em diferentes áreas do conhecimento. Do microbiológico ao macrosociológico, é um consenso que o dispositivo emocional tem impacto direto na construção social, cultural e identitária dos povos.

Os estudos do médico e pesquisador Roberto Lent (2002; 2008) fazem a síncope das interfaces aqui pretendidas ao admitir três grandes utilidades para as emoções: a) elas são vitais para a sobrevivência do indivíduo; b) elas determinam a sobrevivência da espécie; e c) elas determinam a comunicação social. Por serem as emoções experiências subjetivas acompanhadas de manifestações fisiológicas detectáveis, Lent (2002, p. 653) conclui que tais mecanismos têm “uma determinação inata, sofrendo evolução do mesmo modo que as demais características biológicas das espécies”.

Estudos da neurolinguística defendem que é a partir das emoções que os significados são construídos e é por elas que ocorrem ressignificações. Autores como Robert Dilts *et al.* (1980) e Joseph O'Connor e John Seymour (1990) ampliaram a premissa central de Gregory Bateson (1987), de que mente, corpo e linguagem não só formam um sistema único e indissociável, mas que as emoções são o ponto conectivo entre estas três esferas, conforme Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma do Pensamento Sistêmico



Fonte: Elaborado pelos autores

Se assumirmos como verdade que a mente, ou seja, tudo aquilo que imaginamos, pensamos e elaboramos no campo das ideias, exerce influência direta na linguagem e no corpo físico, é também verdade que, pela lógica do dialogismo de Bateson (1987), o que fazemos com o corpo físico também influencia no que processamos mentalmente e no que articulamos como linguagem. Também se faz verdadeira a premissa de que tudo aquilo que elaboramos no campo da fala, da comunicação escrita e da linguagem gestual, inevitavelmente vai impactar no funcionamento da mente e no funcionamento corporal.

Dentro desta tríade sistêmica, o presente artigo propõe um caráter revisional sobre o conceito de visadas, de Patrick Charaudeau (2009; 2010), mais especificamente no que se refere às visadas patêmicas, estratégias discursivas que pretendem falar mais às emoções do que à razão. Estabelecer interfaces entre a neurociência e a linguística têm o objetivo de corroborar a hipótese de que os diálogos mediados pelas redes sociais promovem significações e ressignificações

por serem indutores de emoção. Intencionamos jogar luz sobre alguns processos que resultam na polarização de ideologias e na criminalização dos direitos humanos frente ao discurso divisivo promovido por *water armies*, o que vai impactar diretamente na formação da crença dos indivíduos e estabelecer um novo rol de diretrizes e comportamentos, como veremos a seguir.

A formação da crença

Segundo Damásio (2000), quando um indivíduo, ainda criança, presencia um evento pela primeira vez, sua experiência sensorial dispara uma determinada emoção, e dessa emoção surgirá um significado subjetivo para o fato. Esse processo vai originar uma diretriz no indivíduo que servirá de referência sempre que esse se deparar com fatos semelhantes ao primeiro, e tal diretriz determinará o acionamento dos mesmos comportamentos e reações em vivências futuras. O efeito é também conhecido em neurolinguística como ancoragem (Figura 2), justamente por conectar estímulos sensoriais a emoções, memórias e significados (BANDLER; GRINDER, 2004).

Figura 2 – O processo de ancoragem emocional



Fonte: elaborado pelos autores

As âncoras têm a função de automatizar respostas para ajudar os organismos no reconhecimento de situações e, a partir deste reconhecimento, gerar respostas e reações imediatas de acordo com as diretrizes enraizadas no crençário, como explica Damásio (2000, p. 74),

Todos os mecanismos podem ser acionados automaticamente, sem uma reflexão consciente; a variação individual, considerável, e o fato de a cultura ter um papel na configuração de alguns indutores não impedem que as emoções tenham uma natureza fundamentalmente estereotipada e automática com uma finalidade reguladora.

A incapacidade de controlar intencionalmente as emoções pode levar os indivíduos a transitarem entre estados de alegria e tristeza sem que tenham qualquer consciência dos motivos e âncoras que os levam a esses estados específicos. Isto quer dizer que “emoções podem ser induzidas de maneira inconsciente e, assim, afigurar-se ao self consciente como aparentemente imotivadas” (DAMÁSIO, 2000, p. 71).

Em seus estudos clínicos, Paul Ekman (2011) constatou que as emoções são mecanismos que nos preparam para lidar com eventos importantes sem precisarmos pensar no que fazer, o que corrobora a possibilidade de indução inconsciente. A teoria de Ekman (2011) reverbera no fato de sermos emocionalmente suscetíveis às falácias. Quando um argumento é construído sem que as premissas levem às conclusões de forma lógica, ele é tido como uma falsa verdade, que passa a constituir nosso imaginário se não jogarmos luz sobre a construção argumentativa dessa narrativa. Uma das formas mais comuns de falácia pelo viés emocional chama-se equivalência complexa (BANDLER; GRINDER, 2004), quando duas afirmações de diferentes campos semânticos são interligadas por um mesmo significado porque estão ancoradas em uma mesma emoção.

George W. Bush usou este artifício retórico para ganhar apoio popular em sua invasão ao Iraque, em 2003. Sucessivos discursos atrelando Hussein a forças terroristas e à produção de armas de destruição em massa fez com que Bush conquistasse o apoio de 69% da população para uma ação bélica. Passados 15 anos, testemunhamos o atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, utilizar a mesma estratégia discursiva para justificar os bombardeios na Síria, em abril de 2018. Trump estabelece uma narrativa onde o governo Sírio é deslocado a um “Eixo do Mal”, e seu governante, Bashar AL-Assad, é comparado a um “monstro” por supostamente utilizar armas químicas contra a população rebelde que se opõe ao seu governo. Esta equivalência complexa que atrela figuras e países a um mal a ser combatido é uma estratégia narrativa que implica na existência do bem e do mal. Tal narrativa é fórmula de sucesso na literatura, nos filmes e nas novelas por eliciar emoções específicas, como compaixão pelas vítimas, simpatia pelos heróis, e revolta e indignação contra os vilões (ANTUNES JUNIOR, 2016).

Maturana (2001, p. 15) defende que “quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção”. Tanto Bush quanto Trump contaram com este artifício ao eliciar o trauma dos americanos com os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, para justificar a necessidade de atacar seus inimigos. O que se pretende a partir desses apontamentos é perceber que, ante a qualquer interdiscursividade, por mais que consideremos racionais os argumentos que nos façam defender ou optar por determinada ação ou visão de realidade, inconscientemente sempre existirão motivações emocionais que, quando alheias a uma análise crítica, vão se sobrepor aos argumentos lógicos.

Frente ao poder das emoções nos processos de significação e tomada de decisões, evocam-se a seguir os pressupostos de Patrick Charaudeau (2010; 2011) e da Semiologia para entender as estratégias discursivas que visam tocar o afeto do outro e neutralizar, em parte, a atividade racional de análise dos argumentos lógicos do discurso.

Interfaces entre a semiologia e a neurociência

No contrato de comunicação inerente à toda a troca linguageira, Charaudeau (2009, p. 68) categoriza quatro “regularidades comportamentais dos indivíduos” dentro de um quadro convencional no qual os atos de linguagem fazem sentido. Tal quadro, que corresponde aos dados externos do contrato comunicativo, é categorizado em quatro condições de enunciação da produção linguageira: condição de identidade (quem fala com quem?); de propósito (que domínios de saber envolvem esta comunicação?); de dispositivo (quais as circunstâncias materiais em que se constrói este ato comunicativo?); e de finalidade (qual o objetivo desta comunicação?).

Neste artigo, o foco se volta para a condição de finalidade, que requer o ordenamento do ato de linguagem em função de um objetivo e da expectativa de sentido em que se baseia a troca. Em uma problemática de influência, as estratégias discursivas são tratadas por Charaudeau (2004; 2009) como sendo visadas, que categoriza em quatro tipos de operações combináveis entre si. A visada “prescritiva”, que pretende levar o outro a agir de uma determinada maneira (fazer fazer); a visada “informativa”, que intenta transmitir conhecimento a quem se presume não possuí-lo (fazer saber); a visada “iniciativa”, que pretende levar o outro a acreditar que o que está sendo dito é verdadeiro (fazer crer); e a

visada do *páthos*, ou patêmica, que consiste em provocar um estado emocional agradável ou desagradável no outro (fazer sentir).

É nesta subcategoria da visada patêmica que ancoramos uma interface com a neurociência. A estratégia de objetivar o engajamento da recepção por meio de um discurso, cuja performance visa eliciar emoções, parte do pressuposto de que não é possível medir as emoções no discurso, mas sim tentar estudar o processo discursivo enquanto um “efeito visado” (ou suposto), sem nunca ter garantia do “efeito produzido”. Charaudeau (2004; 2010) prefere os termos “*pathos*”, “patêmico” e “patemização” em lugar de emoção porque isso permite inserir a análise do discurso nas emoções da filiação da retórica aristotélica, que parte de uma premissa de visada e de efeitos do discurso. Comenta Charaudeau (2010, p. 26):

Este ponto de vista se aproximaria, por conseguinte, ao de uma retórica da visada de efeito que é instaurada por categorias de discurso que pertence a diferentes ordens (*inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *actio*), nas quais haveria, entre outras coisas, uma tópica da emoção – uma “patemia”, eu diria – que seria constituída por um conjunto de “figuras”.

Apesar do distanciamento que o termo patemização possa provocar em relação aos estudos das emoções abordados pela neurociência, brevemente revisitados na primeira parte deste artigo, as percepções de Charaudeau (2010) apresentam relevantes pontos de convergência com os estudos de Damásio (2000), Ekman (2011) e Maturana (2009).

Na visão de Charaudeau (2010; 2011), as emoções são saberes de crenças que naturalmente se opõem a um saber de conhecimento, o qual se baseia nos saberes externos do sujeito. São, de imediato, uma interpretação das circunstâncias, ou seja, julgamentos apoiados em crenças, o que faz com que emoções e crenças sejam indissociáveis, tal qual defendem os autores da neurociência quando explicam o processo de ancoragem e significação. Tanto no entendimento de Charaudeau (2010; 2011), quanto nas percepções de Damásio (2000), Ekman (2011) e Maturana e Varela (2001), modificar uma crença implica mudar uma emoção, ao passo que modificar uma emoção provoca o deslocamento de uma crença.

O poder das emoções, conforme Charaudeau (2010), é tamanho que elas resistem à razão. Isto não significa anular a racionalidade, mas penetrá-la, alargando o conceito de “estados intencionais” do falante. Isto significa que, tal qual defende Damásio (2000), as emoções não são opostas à racionalidade, mas se inserem em um quadro de racionalidade, onde os saberes são importantes para

a ativação, a vivência ou a experimentação da emoção. Trata-se de um saber de crença que se opõe a um saber de conhecimento, o qual se baseia em critérios de verdade externos ao sujeito (CHARAUDEAU, 2010, p. 28-29).

Charaudeau (2010; 2011) entende serem as emoções os filtros diretos de uma interpretação das circunstâncias, “julgamentos que se apoiariam nas crenças que um grupo social partilha e cujo respeito ou não leva a uma sanção moral (elogio ou repressão)” (CHARAUDEAU, 2010, p. 29).

Quando transpostas aos discursos, as emoções se tornariam, portanto, uma problemática de representação, ao que Charaudeau (2010, p. 31) acrescenta:

Uma representação pode ser chamada de patêmica quando ela descreve uma situação a propósito da qual um julgamento de valor coletivamente compartilhado – e, por conseguinte, instituído em norma social – questiona um actante que acredita ser beneficiário ou vítima, e ao qual o sujeito da representação se encontra ligado de uma maneira ou de outra.

É por isto que, em se tratando de uma análise de discurso, esse autor defende que não é possível existir um interesse pela realidade manifesta, vivenciada por um sujeito, mas sim como um efeito visado (ou suposto), sem nunca ter a garantia sobre o efeito produzido. Desse modo, de acordo com Charaudeau (2010), no campo da interdiscursividade, as emoções advêm de um estado qualitativo de ordem afetiva, mas também de um “estado mental intencional” de ordem racional, pois visam alcançar um objeto que é figurado por um sujeito, que tem uma visão de mundo pautada em valores compartilhados em um consenso social. Veremos como o discurso visa induzir emoções específicas por meio de aproximações e distanciamentos de tais valores.

Os polos emocionais e as tópicas da visada patêmica

Tal qual a dor e o prazer, as emoções não podem ser medidas por um sistema dual de existência ou não existência. Damásio (2000) vincula a onipresença das emoções no sistema físico-psíquico a valores que considera fundamentais da regulação homeostática. São eles, recompensa e punição, prazer e dor, aproximação e afastamento e bem ou mal. Como mostra a figura 3, tais valores estão polarizados no sistema perceptivo como vantajosos ou desvantajosos para a condição natural, sobre os quais as emoções atuam como reguladores.

Figura 3 – A regulação homeostática das emoções

Fonte: Adaptado de Damásio (2000, p. 83).

Tais polos valorativos são sistemas complexos, com níveis de intensidade e interposição, que não podem ser medidos com precisão matemática. Entre um extremo e outro existem graus de vivência que podem gerar sentimentos diversos. Durante a ocorrência de uma emoção, Damásio (2000) explica que neurônios liberam substâncias químicas em várias porções, transformando temporariamente muitos circuitos neurais. Entre as consequências típicas desse processo, inclui-se a sensação de que nossos processos mentais sofreram aceleração ou desaceleração, sem falar na sensação de prazer ou desconforto que permeia a experiência mental. Tanto os valores de regulação homeostática quanto as emoções existem para dar uma resposta rápida do organismo a desequilíbrios que o coloquem em risco. “São estados fisiológicos diferentes e assimétricos, que fundamentam qualidades perceptivas distintas, destinadas a auxiliar na solução de problemas muitíssimo diversos” (DAMÁSIO, 2000, p. 107).

Em outras palavras, tanto o cérebro como o corpo propriamente dito são afetados de maneira abrangente e profunda pelo conjunto de comandos, resultando uma comoção. Entre os extremos da regulação homeostática das emoções está a regulação da vida, e é devido a esta importância que o organismo é tão suscetível às oscilações emocionais. Portanto, quanto mais próxima dos extremos destes

polos valorativos estiverem as experiências emocionais, maiores são as chances de o organismo responder reativamente aos estímulos destas experiências.

Tal processo pode ser desencadeado por estímulos imaginativos, e, portanto, linguísticos. A transposição para a linguagem passa pelo que Aristóteles (2013) chamou de retórica, subárea da pragmática que dá forma ao conteúdo, o que Watslawick *et al.* (2007) chama de metacomunicação, ou uma comunicação sobre como a comunicação deve proceder. É a propriedade linguística que, entre outras coisas, cria as condições de emocionalidade para a interpretação do discurso. É ela que cria o contexto e dá o clima para a interpretação dos atos de fala. Charaudeau (2009; 2010; 2011), por sua vez, usa o conceito de “visada patêmica” para caracterizar toda estratégia que busca afetar o receptor pela emoção em detrimento da parte racional.

Tal qual Damásio (2000) discorre sobre a regulação homeostática pelas emoções, Charaudeau (2010) propõe uma organização do universo de patemização discursiva através de tópicas polarizantes, que correspondem em parte aos extremos apresentados por Damásio (2000). São quatro grandes tópicas, polarizadas em afetos positivos e negativos, as quais são perceptíveis nas cenas enunciativas midiaticizadas. São elas dor e alegria, angústia e esperança, antipatia e simpatia, repulsa e atração, conforme consta na Figura 4.

Figura 4 – tópicas de organização do universo de patemização



Fonte: Adaptado de Charaudeau (2010).

Se compararmos as tópicas de Charaudeau (2010) aos valores de regulação homeostática de Damásio (2000), perceberemos que, por diferentes caminhos, esses autores chegaram a conclusões similares a respeito dos polos afetivos-valorativos que geram emoções. O polo dor-prazer de Damásio (2000) encontra correspondência na tópica dor-alegria de Charaudeau (2010). Aproximação-afastamento, em Damásio (2000), encontra reverberação na tópica atração-repulsão, de Charaudeau (2010). De forma abduziva, podemos inferir que o polo bem/sobrevivência-mal/morte se transporta ao discurso como um polo que corresponde à tópica esperança-angústia, visto que no discurso não podemos nem morrer e nem sobreviver, mas sim ter esperança ou angústia diante dessa sensação. Por fim, o polo recompensa-punição também pode encontrar certa ancoragem na tópica simpatia-antipatia, visto que situações e personagens que proporcionam benefícios e acolhimentos são simpáticos ao sujeito, enquanto situações punitivas e personagens repressores incorrem na antipatia.

Tal correspondência corrobora uma certa previsibilidade dos efeitos de um discurso patêmico na audiência. Segundo Charaudeau (2010), a intenção de provocar reações emocionais pelo discurso encontra acolhimento entre grupos sociais que compartilham de um mesmo crençário, e também efeitos inversos e diversos em grupos sociais com diretrizes e regras destoantes do enunciador discursivo. O conhecimento das regras e valores dos diferentes grupos de um cenário político-identitário-cultural é útil na cena enunciativa do teatro social.

O efeito patêmico de um discurso pode ser obtido de maneira explícita e direta, como palavras ou frases que descrevam de maneira direta as emoções contidas na mensagem, ou de maneira implícita e indireta, como enunciados que não descrevem, mas provocam emoções. Para Charaudeau (2010), tais estratégias visam deslocar os personagens da cena enunciativa entre os papéis de benfeitor, malfeitor e vítima, de forma que as narrativas propostas ganhem o lugar de verdade pela carga emocional que provocam, e não pela lógica racional.

Benfeitor, malfeitor e vítima são arquétipos extremos de uma situação relacional, em que o herói assume o polo positivo e o vilão o polo negativo na organização do universo patêmico. A vítima sempre está à mercê da vilania e sempre à espera de um salvador, enquanto, inocente dos eventos que a vitimizaram, ocupa um papel de alavancagem para o discurso polarizante e, portanto, divisivo (BENESCH, 2012). Buscar ocupar o espaço de herói, ou então de vítima, passa a ser um dos grandes objetivos dos *water armies*, que anseiam afastar o papel de vilão de seus correligionários em detrimento de opositores ideológicos.

Tal estratégia ficou perceptível na ocasião da morte da vereadora carioca Marielle Franco, assassinada no dia 14 de março de 2018, após sofrer emboscada em uma das avenidas do Rio de Janeiro. Marielle se tornou vítima da violência que assola a capital carioca e sua morte, cujos indícios apontam para em um crime encomendado por motivações políticas/ideológicas, se tornou o ponto de alavancagem para discursos divisivos articulados por *fake news* e retóricas distorsivas que criminalizam os direitos humanos.

Na proposta semiolinguística de Charaudeau (2010), a troca linguageira ocorre entre aquele que comunica (EUc) e aquele que interpreta (TU_i). Para tanto, vale-se de estratégias discursivas delineadas pela relação entre um enunciador (EUe), expresso na seleção dos elementos a serem expostos, e um destinatário por ele idealizado (TU_d). A ação desses sujeitos insere-se em um contexto que contempla tanto as circunstâncias quanto à própria situação da comunicação.

Desse modo, partimos do pressuposto de que as interações são orientadas por contratos ou acordos socialmente instituídos que orientam a enunciação discursiva. Para compreender tal panorama, Charaudeau (2010) sugere refletir sobre as identidades dos sujeitos envolvidos pelo ato de linguagem, com base nas pistas manifestas por sua finalidade, seu propósito e nas características do dispositivo utilizado. Para análise do uso da patemização do discurso, neste caso, centraremos nossos esforços no estudo das finalidades do discurso.

Como *corpus* usaremos uma *fake news* que se disseminou nas redes sociais dois dias depois da morte de Marielle. Trata-se de uma postagem publicada na página de Facebook do Movimento Brasil Livre (MBL), criado a partir da fala de uma desembargadora, que ganhou notoriedade pela articulação discursiva que tentou deslocar Marielle do papel de vítima para o de malfeitora. Nosso objetivo de análise é identificar quais tópicos foram utilizadas para promover tais deslocamentos e se as estratégias discursivas se enquadram nos conceitos apontados até aqui, como veremos a seguir.

Disputas pelo lugar de verdade

A partir das correlações propostas entre a teoria das emoções (DAMÁSIO, 2000; EKMAN, 2011; MATURANA, 2009) do pensamento sistêmico (BATESON, 1987) e da patemização do discurso (CHARAUDEAU, 2010), acredita-se que tal movimento interdisciplinar forneça pistas ao entendimento dos acionamentos emocionais visados pelo MBL, visto que evidenciam possibilidades de aproximação e de afastamento entre os sujeitos. Nossa análise tem como ponto de partida essa asserção e prossegue

com a compreensão da finalidade que esse grupo expressa em sua manifestação sobre o caso Marielle, feita dois dias após o assassinato da vereadora.

É importante, a priori, situar as identidades envolvidas no ato de linguagem. Marielle Franco, era vereadora do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), no Rio de Janeiro. Ela foi morta junto com seu motorista em uma emboscada, no dia 14 de março de 2018, em uma avenida movimentada da capital carioca. O Movimento Brasil Livre (MBL), grupo autodeclarado apartidário, mas com viés ideológico liberalista, publicou em suas redes sociais um texto do *blog* “Ceticismo Político”, que utiliza declarações de uma desembargadora do Rio de Janeiro para fundamentar a tese de que Marielle tinha envolvimento com o crime organizado (Figura 5).

Figura 5 – Postagem do MBL sobre a morte de Marielle Franco



Fonte: Captura de tela de MOVIMENTO BRASIL LIVRE (2018). Disponível em: https://www.facebook.com/pg/mblivre/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 15 abr. 2018.

Em seu perfil no Facebook, a desembargadora Marília Castro Neves, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, deu declarações polêmicas afirmando, dentre outras coisas, que “[...] a tal Marielle não era apenas uma ‘lutadora’; ela estava engajada com bandidos! Foi eleita pelo Comando Vermelho e descumpriu ‘compromissos’ assumidos com seus apoiadores”. Em outro trecho de seu comentário, insinuou

que a morte da vereadora foi consequência de cobrança de “dívidas”, ao que complementou: “Qualquer outra coisa diversa é mimimi da esquerda tentando agregar valor a um cadáver tão comum quanto qualquer outro”³.

Não demorou 24 horas para que a desembargadora classificasse as informações que postou como mera opinião, sem qualquer embasamento jurídico, factual ou científico. A falta de credibilidade das informações sobre a vereadora assassinada, no entanto, não impediu que elas fossem compartilhadas mais de 33 mil vezes no Facebook, no mesmo dia em que foi publicada pelo *blog* Ceticismo Político e compartilhada pelo MBL.

Segundo o jornal *O Globo*⁴, até o dia 23 de março foram mais de 360 mil compartilhamentos. No Twitter, em três dias, a informação divulgada pelo *site* gerou mais de um milhão de impressões, conceito que leva em conta o número de vezes que a mensagem aparece na linha do tempo dos usuários do *microblog*. A rede de boatos formada no Twitter no dia em que o MBL compartilhou o texto do *blog* Ceticismo Político envolveu cerca de 4 mil usuários.

Fundado em 2014, o MBL ganhou projeção nacional ao liderar as manifestações anticorrupção e pró-*impeachment* de Dilma Roussef nos atos de 2015 e 2016. O grupo também combinou forças com as bancadas evangélica e ruralista do Congresso por uma agenda de Estado mínimo, como a reforma trabalhista, o ajuste fiscal e redução da maioria penal⁵.

Formado em sua maioria por jovens com menos de trinta anos, seus integrantes são conhecidos pelos discursos incisivos, sendo comparados pela revista *Exame*⁶ a uma *startup* que nasceu para fazer protestos. No entanto, a organização tem muitas das características de um *water army*, justamente por fazer uso de táticas de *floodagem* com informações generalistas e distorcidas nas redes sociais.

A página do MBL no Facebook utiliza a estratégia de compartilhar informações em formato notícia, aproveitando-se de uma suposta credibilidade dada ao gênero jornalístico (CHARAUDEAU, 2010). Para isto, utiliza preferencialmente três *sites* para disseminar seus discursos. São eles o *Ceticismo Político*, atribuído

³ Informações coletadas do *site da Revista Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/desembargadora-diz-que-marielle-estava-engajada-com-bandidos/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

⁴ Segundo dados colhidos pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/como-ganhou-corpo-onda-de-fake-news-sobre-marielle-franco-22518202>. Acesso em: 1 abr. 2018.

⁵ Segundo reportagem da Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1766785-mbl-ruralistas-e-evangelicos-se-unem-por-agenda-liberal.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2018.

⁶ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/conheca-o-mbl-a-startup-que-surgiu-para-fazer-protestos/>. Acesso em: 2 fev. 2018.

a um perfil falso chamado Luciano Ayan⁷, o *Diário Nacional*, cujo editorial é assinado por integrantes do próprio MBL⁸, e o *Jornal Livre*, também assinado por um perfil *fake* de nome Roger Scar⁹.

O fluxo de postagens do MBL segue uma média de 45 publicações a cada 24 horas¹⁰, muitas duplicadas ou republicadas. A frequência é 900% maior do que é recomendado por empresas especializadas em *marketing* digital¹¹, o que caracteriza a intenção de provocar *flood* na *timeline* de seus seguidores. Mais da metade desse fluxo observado durante dez dias, no período entre 2 e 12 de abril de 2018, é direcionada a atacar políticos e partidos de esquerda, enquanto o restante, serve para a promoção do próprio MBL e do empresário Flávio Rocha, herdeiro do Grupo Riachuelo e pré-candidato à Presidência da República pelo Partido Republicano Brasileiro (PRB).

O *post* referente à morte de Marielle foi removido do Facebook por ordem da Justiça carioca, que viu crime de calúnia e difamação na fala da desembargadora que serviu de fonte para a matéria. O texto do *blog Ceticismo Político*, no entanto, continua publicado mesmo após a repercussão e classificação das informações como falsas.

A partir do enquadramento proposto neste estudo, prevê-se a indicação de categorias analíticas ancoradas na perspectiva discursiva de Charaudeau (2010, 2016). Nesse sentido, parte-se à configuração do movimento mediante o ato de linguagem (o discurso) instituído pela postagem do MBL. A situação de comunicação emoldurada é enunciativo-argumentativa, ou seja, visa expor argumentos que desloquem Marielle do papel de vítima para o papel de vilã. Supõe-se que os atores da situação de comunicação compartilhem de visões ideológicas neo-liberais, contrárias ao posicionamento político da vereadora assassinada.

A interação proporcionada pela encenação discursiva na postagem é orientada por um contrato de comunicação, cuja finalidade é induzir o sujeito interpretante (TUi) a uma troca de sentimentos em relação à vereadora. A construção do dis-

⁷ O perfil falso era de propriedade de Carlos Augusto de Moraes Afonso, que diz ter criado o perfil e o *blog Ceticismo Político* para fazer “guerra política”, segundo nota do próprio autor, disponível em: <https://www.ceticismopolitico.org/carta-aberta-de-luciano-ayan-aos-leitores/>. Acesso em: 10 mar. 2018.

⁸ Disponível em: <http://odiarioliberal.org/sobre/>. Acesso em: 2 abr. 2018.

⁹ O grupo Catraca Livre acusou em postagem no Facebook que o perfil falso de Roger Scar pertence ao militante do DEM e associado do MBL, Roger Roberto Dias André. Disponível em: <https://www.facebook.com/CatracaLivre/photos/pb.145632722140414.-2207520000.1491350213./1608599295843742/?type=3&theater>. Acesso em: 4 abr. 2018.

¹⁰ Média estabelecida por observação em um período de 10 dias, entre 2 abr. 2018 e 12 abr. 2018.

¹¹ Segundo reportagem da *Revista Forbes*, disponível em: <https://www.forbes.com/sites/neilpatel/2016/09/12/how-frequently-you-should-post-on-social-media-according-to-the-pros/#6f374ef240f2>. Acesso em: 12 abr. 2018.

curso em forma de notícia propõe uma função informativa, para que os elementos propostos pelo sujeito comunicante (EUc) pareçam informação com credibilidade. Dividem-se, assim, os parceiros do ato de linguagem: EUc = MBL, TUi = leitor/internauta, interessado em significar ou ressignificar o assassinato de Marielle.

O título do texto que compõe a postagem do MBL afirma: “Desembargadora quebra narrativa do PSOL e diz que Marielle se envolvia com bandidos e é cadáver comum”¹². A postagem era apresentada na página do MBL acompanhada da frase “Isso é complicado. Bem complicado”. A associação que a manchete tenta fazer entre Marielle e bandidos remove a vereadora da posição de vítima e a coloca ao lado dos “vilões”, um recurso narrativo relacionado à tópica simpatia-antipatia (CHARAUDEAU, 2010). A intenção aparente é direcionar a percepção pública a enxergar Marielle não mais como vítima de um crime político, o que eliciaria sentimentos (DAMÁSIO 2000; EKMAN, 2011) como compaixão e simpatia, e sim enquadrá-la no conceito de “morte comum” ou morte “esperada”, por estar envolvida com o crime organizado.

Na construção do discurso da postagem, as falas de Marília são colocadas na posição de uma fonte confiável e com embasamento, por ser ela uma desembargadora e de uma combatente da narrativa de esquerda, que supostamente tenta vender Marielle como uma lutadora dos direitos humanos. Tal posicionamento da desembargadora fica evidente na reprodução literal de seu depoimento, quando diz que “a questão é que a tal Marielle não era apenas uma ‘lutadora’; ela estava engajada com bandidos! Foi eleita pelo Comando Vermelho e descumpriu ‘compromissos’ assumidos com seus apoiadores” (REVISTA VEJA, 2018). Tal fala configura outras tópicos de Charaudeau (2010), como a tópica atração-repulsão, em que o leitor é convidado a sentir por Marielle uma necessidade de afastamento (DAMÁSIO, 2000), o que se espera que um cidadão sinta por uma organização criminosa como o Comando Vermelho. O mesmo trecho discursivo estabelece também a tópica esperança-angústia (CHARAUDEAU, 2010), pois implica no entendimento de que a vereadora talvez tenha merecido a morte (DAMÁSIO, 2000) e, portanto, não era merecedora da angústia do público. Por fim, a tópica prazer-dor também é percebida, tendo em vista que, se Marielle é realmente uma vereadora eleita por bandidos, então a dor por sua perda deve cessar em lugar de um sentimento de justiça, o que poderia estar mais próximo do sentimento de prazer (DAMÁSIO, 2000).

¹² Disponível em: <https://www.ceticismopolitico.org/desembargadora-quebra-narrativa-do-psol-e-diz-que-marielle-se-envolvia-com-bandidos-e-e-cadaver-comum/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

Outras falas da magistrada vão insistir na equivalência complexa que busca atrelar Marielle a criminosos, como consequência de seu trabalho na luta pelos direitos humanos, quando escreve por exemplo que “a verdade é que jamais saberemos ao certo o que determinou a morte da vereadora, mas temos certeza de que seu comportamento, ditado por seu engajamento político, foi determinante para seu trágico fim” (REVISTA VEJA, 2018). Ao final de seu depoimento, a desembargadora sentencia que “qualquer outra coisa diversa é mimimi¹³ da esquerda tentando agregar valor a um cadáver tão comum quanto qualquer outro” (REVISTA VEJA, 2018).

As falas da desembargadora são legitimadas quando o *blog Ceticismo Político* e o MBL evocam o cargo e a posição de fala da fonte. Este apelo à autoridade configura uma operação retórica bastante comum no jornalismo, mas que pode ser falaciosa, pois tem como função tornar argumentos mais credíveis por atribuí-los a alguém com propriedade e, ao mesmo tempo, desvincular o autor do discurso de responsabilidade direta pelo que é dito (BATESON, 1987; WALTZLAWICK *et al.*, 2007).

A finalidade do EUc de deslocar Marielle da posição de vítima para a posição de vilã visa encontrar recepção favorável no TUi (CHARAUDEAU, 2010), de forma a eliciar emoções específicas em TUd (DAMÁSIO, 2000; EKMAN, 2011) e cristalizar uma nova significação para o desfecho do caso (BATESON, 1987; WATZLAWICK *et al.*, 2007). Nas interfaces estabelecidas com a neurociência, a estratégia patêmica apresenta grande potencial de aderência entre os sectários das ideologias do MBL, e de grande repulsa por parte dos leitores alinhados às ideologias da vereadora, visto que todo processo de significação e ressignificação está intrinsecamente ligado às experiências emocionais dos indivíduos. A polarização emocional, portanto, resulta em uma polarização de significados, cristalizando a postagem do MBL, enfim, como um discurso divisivo (BENESCH, 2012).

Considerações finais

A revisão das propriedades e funções das emoções no sistema físico-psíquico, bem como o entendimento das possibilidades de acionamento desses mecanismos por meio do discurso, permite uma compreensão maior da mobilização social e do potencial viral em torno dos *dangerous speech* (BENESCH, 2012).

Tal dimensão revela elementos que caracterizam a patemização do discurso, cuja finalidade é fazer sentir para um sequencial fazer crer, visto que a forma de

¹³ Expressão de conotação pejorativa para satirizar ou menosprezar quem reclama. A expressão funciona como uma onomatopeia, uma reprodução de sons que imitam um choro, ladainha ou lamúria.

construção desses discursos implica uma manifestação linguageira que emerge do acordo e do compartilhamento de valores e crenças.

Diante disso, a análise do discurso mostrou-se eficaz para a identificação das tópicas que intencionam movimentar os polos emocionais do público receptor, de forma a angariar seguidores para determinados significados em detrimento de outros, polarizando o crençário coletivo.

Por tratar-se de uma manifestação linguageira, logo permeada de intencionalidade, o corpus em análise possibilita perceber a expressão ideológica de um grupo, o MBL, que se vale da tensão entre os interesses do mercado e os interesses sociais para desacreditar os direitos humanos e seus defensores, cujo resultado impõe uma narrativa dual entre um “nós, os heróis”, e um “eles, os vilões”, de forma a induzir o receptor a escolher posição neste cenário dicotômico.

Tais pontos de vista podem ser depreendidos mediante a análise das estratégias discursivas explicitadas pelo sujeito comunicante (EUc - MBL). Argumenta-se, então, que o enunciador (EUe), com o propósito de produzir efeitos de verdade, vale-se de enunciados patemizantes que, a partir de um fazer-sentir, fundamenta o fazer-crer. Por meio da captação da atenção do destinatário (TUd) e da sua persuasão mediante visadas patêmicas, as estratégias discursivas utilizadas pelo MBL intentam produzir crenças e filtros que sustentem as ideologias e ações defendidas pelo grupo, avançando de um fazer-crer para um fazer-fazer.

Por apelarem mais às emoções do que à razão, e encontrarem vazão em estratégias que usam da tecnologia e da retórica persuasiva, discursos divisivos como o empregado pelo MBL se propagam de forma contaminante. Eis porque as falsas notícias sobre Marielle Franco ganharam projeção de forma tão rápida. Ao construir enredos e narrativas que direcionem as angústias e as dores sociais a um alvo, objeto, pessoa ou ideologia, tais discursos arquitetam sentimentos polarizantes que se engrandecem entre o medo e a raiva, resultando em ódio coletivo.

As inferências entre Charaudeau (2010; 2011; 2016) Damásio (2000) e Bateson (1987) permitem inferir como este ódio pode ser eliciado pelo discurso, e revelam que a habilidade de induzir emoções demonstra um nível de poder sobre a mente (o que pensar), o corpo (como agir) e a linguagem (o que comunicar) do outro.

Ao construir uma retórica que privilegia a ruptura e a narrativa dual entre heróis e vilões, estaria o MBL servindo de catalisador para os discursos de ódio? Se a resposta a esta pergunta for afirmativa, como sugerem os primeiros resultados obtidos deste estudo, logo é certo que tal movimento forma crenças sobre o que é certo e errado no modo de pensar e de agir, e sobre isso, estabelece normas de conduta alinhadas aos interesses dos grupos que o gerencia.

Se considerarmos que as formas simbólicas induzem à substituição de significados e subjetividades aprendidos ao longo da vida por subjetividades e significados compartilhados por um grupo pretensamente dominante, podemos dizer que somos induzidos e cooptados a passar por diversas “lavagens cerebrais” quando inseridos em um determinado sistema social com interdiscursividades patemizantes.

O discurso divisivo tem na patemização um estratagema indutivo. Passa a ser aceito no imaginário coletivo porque encontra amplo amparo em nossas necessidades psíquicas de delegar nossos problemas a um outro e sempre buscar um herói ou um salvador que nos livre das angústias da vida.

No entanto, palavras, sons e imagens costurados por uma retórica que evidencia o lado mais destrutivo, violento, distorcido e reativo da sociedade acabam por gerar mais projeções preconceituosas e equivocadas, que alimentam crenças limitantes em relação ao próximo e à vida social, ao mesmo tempo em que nos cegam para a evolução interna que nossa psique anseia viver.

As interfaces estabelecidas entre Charaudeau (2010; 2011; 2016), Damásio (2000) e tantos outros autores intentam redirecionar o foco para essa evolução, além de demonstrar que a pacificação das relações humanas passa por um entendimento dos efeitos das emoções em nossos sistemas representacionais. Compreender como os processos sociodiscursivos nos induzem a sentir, crer e fazer mostra-se assim um caminho promissor para as pesquisas que intentam nos aproximarmos de uma realidade de coexistência.

Referências

ANTUNES JUNIOR, Fernando Simões. **A retórica do medo**: uma análise neurolinguística da mídia. 309 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7000?-mode=full>. Acesso em: 18 fev. 2018.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Edipro, 1. ed. 2011, reimp. 2013.

BANDLER, Richard; GRINDER, John. **A estrutura da magia**. São Paulo: Summus, 2004.

BATESON, Gregory. **Natureza e espírito**: uma unidade necessária. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

BENESCH, Susan. **Dangerous speech**: a proposal to prevent group violence. New York: World Policy Institute, 2012. Disponível em: <https://worldpolicy.org/wp-content/uploads/2016/01/Dangerous-Speech-Guidelines-Benesch-January-2012.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2018.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. *In*: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de. **Gêneros reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: Nad/Fale-UFMG, 2004. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Visadas-discursivas-generos.html>. Acesso em: 20 jan. 2018.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. *In*: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia. **As emoções no discurso**. V. II. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010. p. 23-56.

CHARAUDEAU, P. Las emociones como efectos de discurso. **Revista Versión**, México, n. 26, p. 97-118, jun. 2011. Disponível em: <http://www.patrickcharaudeau.com/Lasemocionescomoefectosde.html>. Acesso em: 15 fev. 2018.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2016.

CHEN, Cheng; WU, Kui; SRINIVASAN, Venkatesh; ZHANG, Xudong. **Battling the internet water army: detection of hidden paid posters**. *Social and Information Networks*, 2011. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1111.4297>. Acesso em: 10 nov. 2017.

DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 312 p.

DAMÁSIO, Antônio. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 336 p.

DILTS, Robert; GRINDER, John; BANDLER, Richard; DELOZIER, Judith. **Neuro-linguistic programming**. V. I. The study of the structure of subjective experience. Meta Publications, 1980.

EKMAN, Paul. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

KORZYBSKI, Alfred. **Science and sanity: an introduction to non-Aristotelian systems and general semantics**. **Hardcover**. ed. 2. Texas/EUA: Institute of General Semantics, 2010.

LENT, Roberto. **Cem bilhões de neurônios**. São Paulo, SP: Ed. Atheneu, 2002.

LENT, Roberto. **Neurociência: da mente e do comportamento**. São Paulo/SP: Guanabara Koogan, 2008.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editor UFMG, 2009.

O'CONNOR, Joseph; SEYMOR, John. **Introdução à programação neurolinguística**. São Paulo: Summus, 1990.

REVISTA VEJA. **Desembargadora diz que Marielle 'estava engajada com bandidos'**. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/desembargadora-diz-que-marielle-estava-engajada-com-bandidos/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix, 2007.

Dados dos autores:

Fernando Simões Antunes Junior – feuantunes@gmail.com

Professor Doutor (PNPD) no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale (PPGPMC-Feevale). Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Endereço do autor: Universidade Feevale, Reitoria, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Rodovia RS-239, 2755, Prédio Lilás, sala 201, Vila Nova, 93.525-075 – Novo Hamburgo (RS) – Brasil

Ernani Cesar de Freitas – ecesar@feevale.br

Professor no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo – UPF. Pós-Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

Endereço do autor: Universidade de Passo Fundo, Programa de Pós-Graduação em Letras, BR 285, São José, 99.052-900 – Passo Fundo (RS) – Brasil